

AS ESCOLAS MATERNAIS DE



Ilda de Bulhão Pato¹

Texto de Maria Honrado

[TÉCNICA SUPERIOR_CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA/DEPARTAMENTO DE MARCA E COMUNICAÇÃO]

1. Dissertação do mestrado em Estudos sobre as Mulheres, *As Mulheres na Sociedade e na Cultura*, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, defendida em 12 de outubro de 2012 pela autora.

Ilda Adelina Jorge de Bulhão Pato afirmou-se como educadora, feminista e republicana. Interveio social e politicamente. Idealizou uma Escola Maternal e pôs de pé o Jardim de Infância da Ajuda. Importa lembrar o que a tornou grande, uma memória que já só permanece praticamente em família.

"A li encontrava brincando, muitas crianças pobres, andrajosas, sem irem à escola, e isto comovia-me. Comecei a falar com elas e então soube a desdita de muitas, algumas não iam à escola porque não tinham fatos limpos e nem tinham que comer; na rua desta maneira andavam e até comida recebiam de algumas senhoras. Estas tristes narrações apoquentavam-me, mas também me iam fortalecendo. Comparava as nossas vidas, julgava-as bem mais infelizes do que eu e assim fui melhorando.

"No próprio Jardim da Estrela, encontrei tanta criança desditosa"².

Assim tudo começou. Consequência de uma recuperação lenta de saúde, Ilda Adelina Jorge começou a olhar em volta. Descobriu no Jardim da Estrela crianças soltas – a meio caminho da delinquência, muito próximas de se perderem – por causa das condições de pobreza extrema de muitos lisboetas. Filhos e filhas das mulheres e dos homens que Cesário Verde³ tão bem descreve. As linhas atrás transcritas, são da autoria de Ilda Jorge, contando o que sentiu pelos anos de 1905-06.

Ilda nasceu no último quartel do século XIX, em Lisboa, a mais velha de três irmãos. O pai,

Francisco José Jorge, escultor e entalhador de madeira, trabalhou com Leandro Braga⁴ no restauro de importantes palácios e igrejas de Lisboa, como a Ajuda ou a da Madre de Deus.

Da mãe, Custódia Maria da Conceição Jorge, Ilda recebeu amizade, companheirismo, apoio para os sonhos de realização pessoal e profissional. Desde muito cedo, quando a acompanhava ao Liceu dos Loios, o apoio ao primeiro namoro, as conferências que queriam ouvir e tantos episódios mais. É a convicção que fica a quem a escuta ao longo do seu *Pedaços da Minha Vida*, escrito aos 88 anos, a pedido dos filhos e a eles dirigido, onde se constata uma memória quase intacta e uma lucidez enorme na avaliação do passado.

Embora os irmãos, João e Deolinda, tenham construído as suas vidas com alegrias e tropeços, a amizade profunda e generosa entre os três foi uma realidade.

Filha de um homem de espírito aberto, quando comparado com a maioria dos pais do seu tempo no que diz respeito à instrução das mulheres – atente-se aos censos datados de três anos antes de Ilda completar a instrução primária⁵ –, mas não tão aberto que lhe permitisse facilmente continuar a estudar.

ILDA ADELINA JORGE de Bulhão Pato e filhos, Nuno (à esquerda) e Rafael (à direita), Lisboa, 1945. Arquivo privado da família Bulhão Pato

2. BULHÃO PATO, Ilda Adelina Jorge de – *Pedaços da Minha Vida*. Lourenço Marques: 1971. Manuscrito (inédito). Arquivo privado da família Bulhão Pato.

3. Poeta de Lisboa, nascido em 1855 e que viria a falecer em 1886, vítima de tuberculose. Deixou trabalho de altíssima qualidade disperso por várias publicações que o amigo Silva Pinto reuniu n' *O Livro de Cesário Verde*. Recordar-se sempre o poema intitulado *O sentimento de um ocidental*, havendo evidentemente outros que também exprimem esta realidade.

4. Leonel, no original. No entanto, é suposto tratar-se de Leandro Braga pelas intervenções mencionadas no manuscrito.

5. Pela leitura do quadro dos Censos de 1890, apresentado no trabalho dirigido por António Candeias *Alfabetização e Escola em Portugal nos Séculos XIX e XX. Os Censos e as Estatísticas*, editado pelo Serviço de Educação e Bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian, na sua 2ª edição (2007), a percentagem do total da população alfabetizada de idade igual ou superior a 10 anos era de 24%, sendo que esta para o total masculino era de 32% e o total feminino de 16%.

ESTE SÉCULO XIX EM QUE ILDA ADELINA JORGE NASCE, HÁ BASTANTE MAIS DE CEM ANOS, FOI UM TEMPO TURBULENTO, RICO EM IDEIAS, GENEROSO, PROGRESSISTA, POSITIVISTA, REVOLUCIONÁRIO. AS IDEIAS NOVAS CHEGAM A PORTUGAL COM ATRASO, MAS CHEGAM

FORMAÇÃO E INFLUÊNCIAS

Este século XIX em que Ilda Adelina Jorge nasce, há bastante mais de cem anos, foi um tempo turbulento, rico em ideias, generoso, progressista, positivista, revolucionário. As ideias novas chegam a Portugal com atraso, mas chegam. Assim se foram implantando os ideais da Revolução Francesa – para alguns entendidos, desdobramentos da caridade trazida por Cristo – as doutrinas liberais, socialistas, republicanas, anarquistas e feministas. E contrárias como o integralismo lusitano, o comunismo, o fascismo ou nazismo, estas últimas já no século XX. São aqui referidas porque a vida longa de Ilda permite lembrá-las a todas. Se para a formação de Ilda Adelina Jorge se consideram relevantes todas as doutrinas e ideias do século XIX, porque contribuição importante, não menos são as que viveu. As armas que a sua formação lhe proporcionou permitiram-lhe ao longo de 90 anos ser mulher e cidadã, plenamente.

Ao ler o seu *Pedaços da Minha Vida*, encontram-se os primeiros traços da personalidade de Ilda Adelina Jorge, logo que termina a escola primária, aos 10 anos. A vontade forte e a sede grande de aprender são fundamentais, bem como a capacidade de argumentar e convencer. Desde o Liceu dos Loios – que abandona pelas dificuldades de acesso – à Escola Industrial do Príncipe Real, onde faz a sua formação secundária, até se formar professora primária pelo Método João de Deus.

Foi uma verdadeira luta convencer o pai a deixá-la estudar. Este queria-a em casa – dentro do espírito da época. Crê-se que Ilda aprendeu por esta altura a força da argumentação, a persistência e a coerência que se encontra ao longo do seu percurso. Tudo porque tinha fome verdadeira de aprender tudo quanto pudesse e vontade de transmitir conhecimentos.

Terminada a instrução primária, Ilda vai convencendo o pai a deixá-la continuar os estudos e, ao

mesmo tempo, começa a ensinar alunas na sua casa. Umas pagavam, outras não. Tinha 11, 12 anos, e já o futuro se adivinhava: ensinar. As crianças soltas do Jardim da Estrela foram a mola do sonho – que acompanhá-la-ia para sempre – do que queria fazer da sua vida e pelas crianças da sua cidade. Soube que a família João de Deus preparava professores pelo método que recebeu o mesmo nome. Candidatou-se, foi aceite, completou a formação e começou a dar aulas.

Assim, em 1907, Ilda Adelina Jorge vai para Setúbal à frente da 193ª Missão Escolar. Dedicar-se-á ao ensino dos filhos dos pescadores durante o dia; à noite, instruindo mulheres das fábricas, a pedido destas. Também à noite, ensinará o Método João de Deus – habilita futuros formadores que depois receberão das mãos de D. Guilhermina Battaglia Ramos o diploma – a oficiais e sargentos da unidade militar de Setúbal. Estes darão início ao que mais tarde se chamou Escolas Regimentais. Releve-se que as aulas noturnas às operárias, como aos militares, foram voluntárias. Ilda não recebeu pagamento. Esta passagem pela cidade de Setúbal, esta experiência de ensino, permanecerá na sua memória como um tempo, uma cidade e pessoas que a fizeram muito feliz. Período em que se sentiu plenamente realizada, útil e devidamente apreciada pelo trabalho que realizou.

Na verdade, Ilda foi acolhida pela família João de Deus, principalmente por D. Guilhermina Battaglia Ramos e o filho, João de Deus Ramos, com quem conviveu de perto e criou laços que nem a morte desapertou. Deste convívio estreito acabou por integrar a intelectualidade republicana, a militância republicana e feminista. Sublinhem-se as relações de amizade e profissionais com a elite republicana que, imbuída de espírito messiânico, pretendia mudar e construir um Portugal com melhor escola,

melhor sentido cívico. Era, de facto, portadora dum espírito novo. Ilda acreditava que as grandes obras, e as pequenas, se conseguem pelo trabalho conjunto, pelo associativismo e, principalmente, pela escola, porque *tudo começa na escola!*

Data destes anos do fim da monarquia o início das relações de amizade e de admiração mútua com Ana de Castro Osório. É através dela que Ilda Adelina Jorge publica o seu primeiro artigo, que escrevera no Jardim da Estrela quando concluiu que não bastava lamentar verdadeiramente essas crianças; era preciso salvá-las, reunir ajuda. Por isso, “Aos Amigos das Crianças” é o título do seu primeiro artigo. Foi publicado n’*A Vanguarda*, a 30 de dezembro de 1906, jornal dirigido então pelo grande republicano e maçom Sebastião de Magalhães Lima, recomendado por Ana de Castro Osório.

Fundamental para a mulher que Ilda Adelina Jorge de Bulhão Pato viria a ser, além da família de origem, foi a do poeta João de Deus. Através dela tomou contacto com a educação, o feminismo, o republicanismo e as vertentes de cada um destes conceitos. Enuncie-se, brevemente, António José de Almeida, Teófilo Braga, Bernardino Machado, Elzira Dantas Machado e a filha, Teixeira Gomes, António Aurélio da Costa Ferreira⁶, e tantos mais, representativos da elite que Ilda Adelina Jorge integrou tão verdadeira e autenticamente. A correspondência na posse da família Bulhão Pato revela bem o grau elevado de amizade, consideração e respeito que lhe dedicavam.

REPUBLICANA E FEMINISTA

Do republicanismo de Ilda, julga-se poder afirmar que acreditou até ao fim que este regime era o meio mais justo e eficaz de chegar ao progresso do país e dos seus habitantes. Nas suas palavras, escritas ou ditas em família – os netos Nuno e Amélia ainda hoje as lembram –, lutou *tanto quanto pôde* pela *querida República*. Neste tanto quanto pôde, além das ações de carácter sigiloso – é bom lembrar as ações policiais de vigilância e repressão da monarquia à atividade republicana – que terá tido, e de que não existirão documentos, deve mencionar-se a atividade na Associação das Escolas Móveis pelo Método João



ILDA ADELINA JORGE, Lisboa, ca.1908. Oferecida a Nuno de Bulhão Pato. Arquivo privado da família Bulhão Pato

de Deus, na Liga Nacional de Instrução, a participação no plebiscito feito às mulheres republicanas, e a militância na Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, de que o jornal *O Mundo*, entre outros, dava conta.

Do seu feminismo, tem de se recorrer aos *Pedaços da Minha Vida* para lhe conhecer a génese e o sentido que lhe deu. Encontra-se uma Ilda Adelina Jorge profundamente tocada pela falta de meios de todo o tipo que impediam as mulheres de potenciar o seu valor, de cumprir a sua missão de seres humanos; do mais básico, como a falta de instrução, apoios à maternidade e à educação dos filhos. Não poderia haver progresso enquanto as mulheres não soubessem ler, escrever, regras básicas de higiene, alimentação e saúde, e tanto mais.

Demonstram bem os Censos, ao longo do século XIX e muito pelo XX dentro, a constância da desproporção entre população alfabetizada e não alfabetizada. As implicações económicas de tal situação foram graves. Um país com uma mão-de-obra tão rudimentar, de salários muito baixos, não poderia deixar de ser um país de produção fraca, em

6. António Aurélio da Costa Ferreira (Funchal, 1879-1922, Lourenço Marques). Primeiro diretor da Casa Pia de Lisboa após a implantação da República. Licenciado em Medicina em 1905 pela Universidade de Coimbra, foi um importante pedagogo e antropólogo, deputado e ministro do Fomento. Brito Camacho, enquanto alto-comissário em Moçambique, convida-o para uma missão de estudos antropológicos naquele território. Foi padrinho de casamento de Ilda Adelina Jorge de Bulhão Pato.

ILDA ADELINA JORGE
e Nuno de Bulhão
Pato, Lisboa, ca. 1912.
Arquivo privado da
família Bulhão Pato



quantidade e em qualidade; de consumo interno baixíssimo. Nesta sociedade tradicional, as mulheres desempenham um papel fundamental, pilar da economia familiar, mesmo com o seu trabalho fora de casa. Os custos económicos e sociais da falta de preparação são enormes. A incapacidade para gerir os meios de que dispõem tem sinais imediatos: mortalidade infantil e juvenil, doença, criminalidade e, claro, agravamento da pobreza. Sinais que Ilda identificou muito cedo, testemunhou ao longo da vida, e que quis, muito cedo também, apagar.

Quanto à sua conceção de educação, educar crianças, cuidar delas, não pode ser desligada da militância republicana e da feminista. Porque do contacto com estas duas doutrinas lhe chegaram os meios para a formar. Quando compara uma criança “a uma plantinha, que precisa de ser alimentada, regada, podada, para que um dia possa vir a ser uma árvore frondosa onde as pessoas se possam abrigar”⁷, assume a ligação ao Culto da Árvore, da Festa da Árvore⁸, tão cara ao republicanismo. Como o olhar dirigido às crianças pobres, não pode desligar-

-se da situação abominável das mulheres do povo, mais mal pagas do que os homens, trabalhando fora de casa sem a plena maternidade, não saberem defender-se porque não instruídas, e muito mais. Enfim, não pode desligar-se do olhar novo que o feminismo traz à outra metade da humanidade. Será mais um ponto de rutura entre republicanas e monárquicas que se destacaram na segunda metade do século XIX: aquelas sentiam ser tempo, sentiam necessário dar às mulheres a possibilidade de sair do papel tradicional, de seguir uma profissão. Para muitas, como Ana de Castro Osório, era tão-somente possibilitar a escolha. Assim, devia instruir-se a mulher e, escolhendo trabalhar ou dedicar-se exclusivamente à família, que fosse eficaz e competente. Escolha é autonomia, é cidadania.

Estas três características – educação, feminismo e republicanismo – são marcas essenciais de Ilda de Bulhão Pato ao atender-se à sua ação no espaço público, fora do âmbito do privado, no exercício pleno da sua cidadania. Afirma-se que foi herdeira espiritual de Guilhermina Battaglia Ramos e de Ana de Castro Osório, mas há em Ilda Adelina Jorge algo que a distingue, enquanto feminista. Considerava importantíssima – pelo abandono a que as crianças eram votadas – a educação das mulheres do povo. Ensinando as mães, protegia-se melhor as crianças. É importante lembrar que se estava numa fase do feminismo português, convicto de que cabia às mulheres o papel de educadoras e de responsáveis exclusivas da harmonia do lar. O território tradicionalmente feminino mantinha-se, no entender destas primeiras feministas, exclusivamente feminino.

O SONHO DA ESCOLA MATERNAL

Em Ilda Adelina Jorge, afirma-se que do desejo verdadeiro de ajudar e das leituras do que se fazia na Europa – trazidas por João de Deus Ramos, em con-

7. Discurso que fez no Belém-Clube, na festa organizada pelo jornal *Comércio da Ajuda*, em 30 de maio de 1936, festa de apoio e angariação de fundos para instituir o Jardim de Infância da Ajuda, organizado pela associação com o mesmo nome, fundada em 1937, mas com trabalho realizado por uma comissão organizadora desde o fim do ano de 1934. Arquivo privado da família Bulhão Pato.

8. Dos últimos anos da monarquia data a primeira Festa da Árvore, iniciativa da Liga Nacional de Instrução, que se realizou no Seixal em 26 de maio de 1907. A partir desta altura, pelas escolas de todo o país festeja-se a Festa da Árvore, com solenidades várias, como a defesa e apologia da proteção, a plantação de árvores, entre outras. Consequência de um processo de desarborização ocorrido ao longo do século XIX, no princípio do século seguinte foi estabelecido o regime florestal, que permitiu ao Estado dar início a um processo de reflorestação do país. Em 1908, a promoção da Festa da Árvore passa para a alçada da Direção-Geral da Instrução, tendo sido a Liga a sua principal dinamizadora, presidida por Bernardino Machado. Mais tarde, sucede-lhe neste papel o jornal *O Século Agrícola*. Com a Grande Guerra, a Festa da Árvore perdeu importância e impacte. Não se pode desligar o culto da árvore do republicanismo, pois foi desde logo uma manifestação abraçada pelos mais ilustres republicanos e sofreu grande oposição, tanto de monárquicos como de católicos.

sequência de uma viagem recente – idealizou a sua *Escola Maternal* e foi este o seu sonho!

Trabalhou ativamente na Associação das Escolas Móveis pelo Método João de Deus, empenhou-se na fundação dos Jardins Escolas João de Deus, fundou a Associação das Escolas Maternais, militou nas várias associações republicanas feministas, integrada na elite republicana. Estava apta em 1911, a convite do grande educador republicano António Aurélio da Costa Ferreira, paradigma da instrução laica e positivista, a dirigir em Almada o Antigo Recolhimento do Calvário. Entra para a Provedoria Central da Assistência de Lisboa. O convite surge depois de dois outros, de João de Deus Ramos. Ir para o estrangeiro aprender as novas teorias e práticas de educação de crianças. Obrigada a recusar por



meios para o primeiro embate. Tão importante era *O Mealheiro* que, com o fim da Escola Maternal, Ilda de Bulhão Pato o entregou à guarda da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

O tempo em que se dividiu entre família, Escola do Grémio Republicano de Alcântara, aulas particulares e uma passagem breve por Paço d'Arcos, lembrá-lo-á como de muito trabalho e muito compensador. Dá uma conferência sobre mutualidade infantil – publicada depois em opúsculo, com prefácio de Teófilo Braga – em Paço d'Arcos, no Núcleo da Liga Nacional de Instrução, e é convidada a levar a exame de instrução primária um grupo de rapazinhos sem professor que iriam perder o ano. Aceitou e deu-lhe muito prazer.

Dirigiu o Antigo Recolhimento do Calvário de 1911

EM 1907, ILDA ADELINA JORGE VAI PARA SETÚBAL À FRENTE DA 193ª MISSÃO ESCOLAR. DEDICAR-SE-Á AO ENSINO DOS FILHOS DOS PESCADORES DURANTE O DIA; À NOITE, INSTRUINDO MULHERES DAS FÁBRICAS, A PEDIDO DESTAS

oposição do pai, o mesmo aconteceu com o convite para Coimbra, aprender com uma professora estrangeira e dirigir o primeiro Jardim Escola João de Deus.

Nas suas memórias, aos 88 anos, a mágoa era ainda enorme. Ilda não conseguiu dobrar a vontade do pai, não venceu a luta contra conceitos sociais e familiares, de raízes fundas também em si. Ficou por Lisboa. Jamais esqueceu a oportunidade perdida!

Ensinará, então, na escola que o Grémio Republicano de Alcântara inaugurou e porá em prática, pela primeira vez em Lisboa – ao que se julga –, o mutualismo infantil⁹. Com estatutos e dirigido pelos alunos, sob sua supervisão, a finalidade era conseguir meios para passeios e doces, tão raros e desejados por estas crianças! Depois, na Escola Maternal da Ajuda, funda outra associação mutualista, *O Mealheiro*, com um objetivo muito mais importante: o de permitir aos jovens um fundo de início de vida. Atingida a maioridade e obrigados a deixar a escola, era fundamental que pudessem contar com

a 1914. Terá sido o ano de 1912 o mais marcante para Ilda. É o de três acontecimentos importantes. Nesse ano morre o poeta Raimundo de Bulhão Pato, tio do marido, que muito estimava, com quem manteve conversas de tardes inteiras, na companhia da tia Izabel. Lamentou muitíssimo a sua perda. No mesmo ano, parte também D. Maria Amélia Perestrello de Bettencourt de Bulhão Pato, mãe do futuro marido, a quem dedicava grande consideração e amizade. A família do poeta e o convívio com a mãe do marido constituíram relações muito significativas para Ilda e as perdas foram marcantes. O terceiro acontecimento foi mais feliz, para si e para as alunas: a mudança para o Convento de Santa Clara. Deixaram de estar dependentes do barco e o novo espaço era muito mais confortável. Mudaram-se para a cidade de Lisboa no final de 1912. E Ilda chamou-lhe: Escola Profissional de Santa Clara.

Logo no ano seguinte, depois de um namoro longo, Ilda Adelina Jorge casa-se com Nuno da Câmara

9. Sabe-se que este tipo de mutualidade já existia desde finais do século XIX, em Ourique (Beja), pela mão do professor Joaquim Pedro Dias, conforme dá conta a professora Maria da Conceição Dias, na tese que apresenta ao II Congresso Pedagógico que se realizou em Lisboa, de 13 a 16 de abril de 1909. Esta terá sido a primeira experiência portuguesa. A de Ilda de Bulhão Pato terá sido, assim, a segunda portuguesa e a primeira lisboeta.

de Bulhão Pato¹⁰ a 13 de janeiro. Filho de António de Bulhão Pato e de D. Maria Amélia, republicano de sempre, jornalista e poeta. Pode afirmar-se que Ilda encontrou neste casamento apoio e reforço do seu republicanismo, da sua atividade profissional e, bem assim, enquanto feminista e educadora.

Sublinhe-se que, embora formalmente tenha feito um casamento socialmente acima, por si só, pelas características pessoais, pela integração na elite republicana, quando o casamento se dá, já Ilda Adelina Jorge se tinha elevado socialmente. Lembre-se que Ilda casa com quase 30 anos, com todo um percurso já feito.



de, consequência imediata na impossibilidade de realizar um trabalho minimamente satisfatório. Isto se se atender ao sentido de perfeição e honestidade profissional de Ilda.

O ano de 1918 é marcante, em Portugal e no mundo. É o fim da Grande Guerra. No nosso caso, também o do assassinio de Sidónio Pais que pôs fim ao sidonismo ou à II República. Mas não só. É também o do surto de gripe, a pneumónica. A região de Lisboa foi a que registou o maior número de mortes e originou um número elevado de órfãos. Daí, o convite do provedor da Assistência de Lisboa a Ilda para dirigir o novo espaço destinado a rapazinhos órfãos.

NA ESCOLA MATERNAL DA AJUDA, FUNDA OUTRA ASSOCIAÇÃO MUTUALISTA, O MEALHEIRO, COM UM OBJETIVO MUITO MAIS IMPORTANTE: O DE PERMITIR AOS JOVENS UM FUNDO DE INÍCIO DE VIDA

DIFICULDADES E OBSTÁCULOS

É mãe pela primeira vez em 1914, de Nuno. Parto complicado que a obrigou a fazer uma paragem e pedir para ser afastada da direção da Escola Profissional de Santa Clara. Retoma atividade logo que recupera, na Missão Escolar João de Deus do Refúgio e Casas do Trabalho, à Junqueira – hoje Centro de Educação e Desenvolvimento D. Nuno Álvares Pereira, da Casa Pia de Lisboa – lecionando pelo Método. Será de novo mãe, em 1915, de Rafael.

O período de 1914 a 1920, que afirma muitíssimo triste e só interrompido pela alegria de ser mãe, é de anos muito difíceis. É a época da Grande Guerra, com todas as consequências associadas. Portugal só entrará no conflito em 1916, mas antes e depois dessa entrada as dificuldades foram grandes. Profissionalmente, o tipo de escola e o regime dos alunos foi realmente o pior: classes sem estabilida-

Ocuparam a antiga casa de Alexandre Herculano, junto ao Palácio da Ajuda e a que chamou Escola Maternal da Ajuda. Funcionou de 1920 a 1943. Foi a sua única diretora.

Com o Estado Novo, no período de 1926 a 1931, vários equipamentos da Provedoria Central da Assistência são integrados na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e, entre eles, a Escola Maternal da Ajuda (em 1928). Razões económicas e financeiras, novas conceções que os novos regimes sempre trazem, levaram a uma reorganização tanto da Casa Pia de Lisboa como da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Esta avaliação e consequente reestruturação foram executadas por Braga Paixão¹¹ que, em 1943, extinguirá a Escola Maternal da Ajuda.

Em consequência deste facto, destas incompatibilidades de espírito, educação laica *versus* educação

10. Nuno de Bulhão Pato (Almada, 1870-1929, Lisboa). Republicano, poeta e jornalista. Sobrinho do grande poeta. Foi secretário do Ministério das Colónias durante a permanência de seu irmão Álvaro enquanto ministro. Funcionário público com brilhantes trabalhos prestados. Durante o período em que exerceu funções na Companhia de Moçambique, destacou-se pela diplomacia e zelo em situações difíceis. Colaborou intensamente em revistas e jornais, nomeadamente n' *O Século*, sendo considerado um "burilador da palavra". Ainda em monarquia, foi elemento importante da propaganda republicana, tendo sido um dos que se bateram na Rotunda a 5 de outubro de 1910. De abnegação e desinteresse raros, recusou qualquer recompensa e a classificação de "revolucionário", depois votada. Partilhou com Ilda de Bulhão Pato a militância republicana e feminista.

11. Vítor Manuel Braga Paixão (Lisboa, 13/09/1892-11/04/1982). Monárquico. Personalidade desconhecida na primeira geração do integralismo lusitano. Tinha o curso superior de Letras. Foi professor do liceu e diretor-geral do Ensino Primário. Exerceu também funções de diretor-geral da Assistência Pública e diretor-geral do Ensino no Ministério das Colónias. Colaborou no *Diário da Manhã*, *Acção*, *Aleo* e *Broetéria* (revista da Companhia de Jesus).

católica, políticas, democracia de vários partidos e democracia de partido único, viver-se um tempo de economia de guerra e a nova visão económica e financeira de Salazar, tudo isto e o fecho da Escola Maternal levaram a que Ilda adoecesse e se reformasse aos 60 anos.

Recorde-se que a formação laica que Ilda recebeu, a que aderiu consciente e plenamente, não seria compatível com a do seu provedor. Guilhermina Battaglia Ramos, João de Deus Ramos ou António Aurélio da Costa Ferreira, determinantes na sua formação, estão em oposição filosófica e ideológica a Braga Paixão.

Mas cerca de dez anos antes da extinção da Escola Maternal da Ajuda, no Natal de 1934, ao assistir à abertura de um espaço para crianças¹², renasceu-lhe o sonho velho da sua Escola Maternal. Deu logo início a uma comissão organizadora, génesse da Associação de Beneficência Jardim de Infância da Ajuda, e ao levantamento de fundos. A situação económica e social dos operários e operárias dos anos 40 não era assim tão diferente da do início do século.

Depois de quatro anos de muito trabalho, consegue abrir a escola, na Rua de D. Vasco, número 42, que receberá crianças de ambos os sexos; cuidar-se-á delas durante o dia para que as famílias possam ir trabalhar descansadas. Por falta de meios, embora contasse com o apoio de um voluntariado bastante ativo e eficaz, acaba por ter de fechar portas no Natal de 1942.

UM SONHO “DESFEITO PELA MALDADE DOS HOMENS”

Vivia-se plenamente o Estado Novo. Voltou-se à defesa de conceitos e doutrinas que a I República tinha combatido. Embora o republicanismo não tivesse sido propriamente combatido, deu-se um afastamento do republicanismo democrático, do laicismo e do feminismo. Mesmo tendo sido o Estado Novo a dar às mulheres o direito de voto, houve um retrocesso nas conceções do papel destas na sociedade. Começaram as campanhas no sentido de as reduzir a *fadas do lar*, de não as deixar intervir no espaço pú-

blico. É importante recordar a extinção de organizações femininas republicanas, de que a Cruzada das Mulheres Portuguesas é um bom exemplo.

No bairro da Ajuda, no início dos anos 1940, ainda se sentia a proximidade do campo, da terra. Era uma zona principalmente de operários e famílias, havendo poucas exceções. É aqui que Ilda enfrentará as maiores dificuldades para manter o Jardim de Infância. Republicana e laica, muito habilmente conseguiu apoio inicial por parte das autoridades, mas é certo que foi combatida, e vencida. Não quanto ao mérito, mas porque a iniciativa foi considerada de Oposição. E não ensinava religião na sua escola.

Escrevia, em 1971, em *Pedaços da Minha Vida*, sobre o desaparecimento da “sua Escola Maternal”, acerca do fim do Jardim de Infância da Ajuda: “Tenho desse sonho desfeito pela maldade dos homens muita e muita saudade.” E em 1945, num artigo do *Ecos de Belém*, dá conta das razões do fim do seu sonho.

No mesmo ano, Ilda Adelina Jorge de Bulhão Pato seguirá um rumo novo. Aos 62 anos viaja para Moçambique com o filho Nuno e sua mulher, ao encontro do mais novo, Rafael, militar no quartel de Boane, e instalam-se em Lourenço Marques. Quando chegam, já este tinha sido enviado para Timor. Existiam ainda bolsas de resistência. Alguns meses depois, Ilda juntar-se-á ao filho em Timor. Permanecerá uns poucos anos, com Rafael já desmobilizado, a trabalhar em negócio próprio.

Ilda Jorge de Bulhão Pato irá ter à sua guarda a neta, Leonor, nascida em Timor e educada fundamentalmente por si em Lisboa e em Lourenço Marques. Terá sido a filha que não teve e a quem dedicará grande parte de si.

Faleceu em Lourenço Marques, onde se encontra sepultada. ●

BIBLIOGRAFIA

Arquivo Privado da família de Ilda Adelina Jorge de Bulhão Pato.

● HONRADO, Maria – *As Escolas Maternais de Ilda Jorge de Bulhão Pato*. Lisboa: Estudos sobre as Mulheres – As Mulheres na Sociedade e na Cultura, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dissertação do mestrado defendida em 12 de outubro de 2012.

12. No fim do ano de 1934, realizou-se a abertura de um jardim de infância no Lumiar, pela Junta Geral do Distrito de Lisboa. Deveu-se à iniciativa do Dr. Xavier da Silva. Ilda de Bulhão Pato assistiu ao evento da inauguração.